

**AS CONCEPÇÕES FILOSÓFICAS E EDUCACIONAIS PRESENTES NOS
MANUAIS DE FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO PUBLICADOS DURANTE A
PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX**

**THE PHILOSOPHICAL AND EDUCATIONAL CONCEPTS PRESENT IN THE
MANUALS OF PHILOSOPHY OF EDUCATION PUBLISHED DURING THE FIRST
HALF OF THE 20TH CENTURY**

Armando Quillici Neto¹ (UFU)
Marco Aurélio Gomes de Oliveira (UFT)
Mauro Machado Vieira (UFU)

Resumo: Este trabalho é resultado da análise dos manuais de filosofia da educação, realizada por um questionário previamente estruturado, que favoreceu a identificação e análise dos temas presentes nos manuais de filosofia da educação. Intentou-se, também, identificar a concepção de educação e a visão de docência dos manuais, uma vez que a maioria do material tinha como público alvo os estudantes das escolas normais. A definição de filosofia da educação se faz necessária para a compreensão das principais correntes de pensamento filosófico hegemônicas no Brasil do século XX. Este trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla, que possibilitará a condição para novos desdobramentos sobre o tema. A pesquisa contou também com o apoio do CNPq, edital MCT/CNPq 02/2009.

Palavras-chave: Filosofia; Educação; Manuais.

Abstract: This work is the result of the analysis of the manuals of philosophy of education, which was achieved through a previously organized questionnaire that favored the identification and analysis of the themes that are present in the manuals of philosophy of education. We have also attempted to identify the conception of education and the view of teaching that lie in the manuals, once the majority of the material had as its target public the students of “escolas normais” (specialized schools to form teachers for elementary schools). The definition of philosophy of education is essential for the comprehension of the main streams of philosophical thoughts that were hegemonic in Brazil in the twentieth century. This work is part of a greater research that will enable new unfolding studies of the theme. The research had the support of CNPq, document MCT/CNPq 02/2009.

Keywords: Philosophy; Education; Manuals.

¹ Prof. Dr. Armando Quillici Neto. Diretor da FACIP - Universidade Federal de Uberlândia – UFU. Faculdades Integradas do Pontal – FACIP. Curso de Pedagogia. Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado – FACED/UFU. Núcleos de Estudos e Pesquisas em Educação – FACIP/UFU. Núcleo de Estudos e Pesquisas em História e Historiografia da Educação – NEPHE/UFU. EMAIL: armando@pontal.ufu.br

Artigo recebido em 27-07- 2012; aprovado em 20-08- 2012

I – Introdução²:

A tentativa de identificar a filosofia da educação ou as filosofias da educação não surge somente no interesse desta pesquisa, ela nos acompanha desde o trabalho de pesquisa para elaboração da tese de doutorado. Aquela pesquisa tratou de analisar os planos de ensino de filosofia da educação de algumas das Faculdades de Pedagogia do interior do Estado de São Paulo, durante as duas últimas décadas do último século.

Esta pesquisa sobre os manuais de filosofia da educação procurou identificar a concepção de filosofia da educação que os manuais carregam. É necessário pensar e identificar quais correntes de pensamento foram determinantes no processo de educação do Brasil durante o século XX, os principais autores, os temas mais trabalhados, os princípios metodológicos que nortearam a formação do educador daquele período histórico.

A pesquisa se iniciou com o levantamento das bibliografias que foram encontradas em Sebos e bibliotecas; no entanto, foi necessário ampliar um pouco mais o tempo que cobria a produção bibliográfica da proposta inicial, que pretendia trabalhar com obras das duas primeiras décadas do século XX, por isso, há obras que tratam da filosofia da educação da década de 1940, e uma obra publicada em 1967. Os manuais estudados foram: *Filosofia da Educação*, de Amaral Fontoura; *Filosofia da Educação*, do Conêgo A. A. de Siqueira; *A Filosofia Positivista e a Educação*, de Amaral Fontoura; *Curso de psicologia e pedagogia: noções de filosofia da educação*, de Theobaldo Miranda Santos; *Filosofia da Educação*, de

²A pesquisa teve a colaboração de professores do Curso de Pedagogia do Campus Pontal, da Universidade Federal de Uberlândia, na cidade de Ituiutaba/MG, de uma professora do interior de São Paulo, de orientandos de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Uberlândia - UFU e de alunas de Iniciação Científica do Curso de Pedagogia, da UFU, caracterizando a formação de um grupo de estudos em Filosofia da Educação: Coordenador do Projeto: Prof. Dr. Armindo Quillici Neto (UFU). Participantes: Profa. Lilian Calaça (UFU); Profa. Vilma Aparecida de Souza (UFU); Prof. Mauro Machado Vieira (UFU); Profa. Cintia Rodrigues de Oliveira Medeiros (UFU); Profa. Viviane Prado Buiatti Marçal (UFU); Profa. Mical Melo Marcelino Magalhães (UFU); Profa. Sônia Aparecida Siquelli (UNIFEOP) e Prof. Marco Aurélio Gomes de Oliveira (UFU); Gilca Ribeiro dos Santos (Mestranda UFU); Jaqueline Andrade Calixto (Graduanda); Carla Lisboa Andrade (Graduanda); Thaiz Marques dos Santos Ferreira (graduanda).

Agradecemos ao apoio recebido do CNPQ, por meio do Edital 02/2009 – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, que possibilitou a realização desta pesquisa, bem como de todos os colaboradores da pesquisa.

John D. Redden e D. Francis A. Rian; *Philosophia da Educação*, de A. M. Aguaio (tradução de Adolpho Packer); *Filosofia da Educação*, de Anísio Teixeira; *Filosofia Pedagógica*, de Ruy de Ayres Bello.

Por meio de estudo dos manuais de filosofia da educação que foram publicados durante o século XX, que também revelam uma aproximação com o campo de estudo em história da educação, vinculados aos estudos sobre os manuais de história da educação, será possível buscar o significado da concepção de educação que foi hegemônica, e quais foram as matrizes filosóficas que mais influenciaram a formação de professores no Brasil, bem como a influência das metodologias e procedimentos de ensino que foram sendo implantadas.

Para a análise dos manuais de filosofia da educação, recorreu-se a um roteiro de questões em que o grupo de trabalho pôde apoiar-se. As questões utilizadas foram: 1-Quem são os autores? 2 - Quais foram as motivações para escrever a obra? 3 - Qual é a data de publicação da obra? 4 - Qual o público-alvo e local de circulação da obra? 5 -Qual é a editora? 6 - Qual é a concepção (filosófica) de educação? 7 - Como aparece a docência? 8 - Qual a extensão de páginas dedicadas à educação do Brasil e à Filosofia da Educação? 9 - Quais as fontes utilizadas pelo autor? 10 - Quais são as orientações didáticas? 11 - Quais as questões propostas pelo autor para discussão? 12 - O Autor se identifica com alguma concepção filosófica?

Os estudos dos manuais³ de filosofia da educação situam-se no campo filosófico e no campo da historiografia, dão sustento para a compreensão das questões históricas, filosóficas e até mesmo da práxis pedagógica. Será possível, com este trabalho, realizar uma reflexão sobre a educação brasileira, suas influências e seus determinismos durante o século XX.

Sendo assim, a filosofia da educação deve ser conhecida e revelada, no campo educacional, não como uma mera disciplina que compõe os estudos pedagógicos, mas como um referencial necessário para a compreensão da presença das principais concepções filosóficas do pensamento ocidental.

II – Análise dos manuais de filosofia da educação durante as primeiras décadas do séc. XX.

Esta parte do texto busca explicitar algumas obras de Filosofia da Educação que marcaram as primeiras décadas do século XX, obras que revelaram os princípios e as bases da

³ O termo *manuais* adotado aqui trata-se dos estudos sobre livros didáticos de filosofia da educação.

educação brasileira nesse período. Privilegiaram-se as questões que foram apontadas na introdução deste texto. Na verdade o que se quer revelar em cada obra é a concepção de filosofia e de educação do autor e ao mesmo tempo evidenciar quais foram as principais concepções de filosofia da educação que influenciaram a formação de professores no Brasil.

A obra intitulada “Pequena introdução à Filosofia da Educação A Escola Progressista ou a Transformação da Escola”, de Anísio Teixeira (1900 – 1971), reeditada em 1967 pela Companhia Editora Nacional, com uma primeira publicação em 1934, consta de 150 páginas. Apresenta-se, na nota do autor, uma exposição dos fundamentos da teoria da educação baseada na experiência no momento de reconstrução educacional nacional da época. Ainda nessa nota, o autor tem uma preocupação de justificar a inversão da ordem do subtítulo do livro, anteriormente denominado “Educação Progressista: uma introdução à filosofia da educação”. A justificativa que se apresenta é a perda da razão de ser da designação de Progressista. O público alvo são educadores e estudantes de licenciatura. O índice abrange seis capítulos, sendo a sua maioria destinada a questões relacionadas à educação e um capítulo dedicado à filosofia e à educação. Anísio Spíndola Teixeira formou-se como bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 1922 e, em 1929, obteve o título de Master of Arts pelo Teachers College da Columbia University.

O autor é um dos divulgadores da obra do filósofo americano John Dewey (1859 – 1952) e Killpatrick (1861 – 1965) no Brasil na década de 20. O livro retrata as intensas mudanças vividas pelos homens no processo de transformação social no período de transição, que atinge a educação brasileira. A preocupação do autor é expressa no capítulo 1, demonstrando o período que vivia a sociedade naquele momento. Segundo Teixeira (1968, p.18), “As escolas passam, com efeito, por transformações alarmantes”! Houve uma crise em que se questionam assuntos como valores, autoridade dos livros e dos mestres. A concepção filosófica de educação é, segundo Teixeira (1934, p. 148):

educação só é digna desse nome quando está percorrida de uma larga visão filosófica. Filosofia da educação não é, pois, senão o estudo dos problemas que se referem à formação dos melhores hábitos mentais e morais em relação às dificuldades da vida social contemporânea (TEIXEIRA, 1934, p. 148).

São destinadas no texto, 18 páginas a respeito da Filosofia da Educação. Para o autor, a Filosofia tem uma grande intimidade com a educação, sendo que a filosofia pode ser definida como a teoria geral da educação. Com relação à docência, o autor declara que o “Professor de hoje tem que usar a legenda do filósofo: Nada que é humano me é estranho”

(TEIXEIRA, 1934, p. 149). Ainda contempla que o professor tem que ser estudioso dos problemas modernos, da civilização e do homem. Na visão do autor, o professor precisa ser filósofo, deve possuir uma clara filosofia da vida humana, e uma visão delicada e aguda da natureza do homem (TEIXEIRA, 1934, p. 150). As fontes utilizadas pelo autor são John Dewey, Willian James, Wells e Spencer.

A obra de A. M. Aguayo, “Filosofia da Educação”, datada, no prólogo, em 1932, porém editada no Brasil em março de 1937 – pela Livraria Acadêmica – Editora Saraiva & Cia – tem a tradução de Adolpho Packer. A obra constitui-se de 231 páginas, distribuídas em oito capítulos nos quais são discutidos vários conceitos sobre educação, liberdade, escola, professor, método, valores e função da educação. O autor tem como público alvo os professores cubanos. No prólogo, ele esclarece que a obra foi concebida durante alguns anos de estudos e elaborada em uma série de conferências no ano de 1931. Nesse período, o corpo docente estava impedido de reunir-se na Universidade de Havana por sofrer perseguições, o autor relata que transferiu sua cátedra de estudos pedagógicos para sua residência. A intenção da obra, segundo o autor, é combater tais hábitos de inércia instalados pelo sistema escolar de Cuba e da América Espanhola, no magistério pessimamente preparado por instituições que estavam à margem das correntes pedagógicas modernas (Prólogo). A concepção filosófica de educação do autor pode ser verificada no capítulo um, onde afirma que a “teoria da educação ocupa lugar importantíssimo em qualquer sistema filosófico”, discordando, assim, de John Dewey, Gentile e outros, cuja concepção define a filosofia como uma teoria geral da educação. Para o autor, existe uma íntima relação entre educação e filosofia, e, nesta afinidade, usa as palavras de Fichte: “A arte da educação não alcança clareza completa sem a filosofia” (AGUAYO, 1937, p. 14). Aponta, ainda, que os problemas educacionais que mais necessitam de tratamento filosófico são os relacionados a conceitos, funções e valores da educação, conduta, bem como os que se prendem ao conhecimento e à verdade, e todos aqueles que exigem uma penetrante análise, reflexão e interpretação racional da experiência (AGUAYO, 1937, p. 14). Define a educação com base no aforismo de Nietzsche, “O que possui história não pode ser definido” (AGUAYO, 1937, p. 25). “É impossível definir a educação” (AGUAYO, 1937, p. 26).

O autor defende que as definições que tratam a educação são multiformes e variadas, escolhe três como as que melhor a representam: Positivista: a educação se apoia nas leis da evolução e é definida quer como a adaptação do indivíduo ao meio ambiente ou como processo de desenvolvimento que condiz à vida completa. Idealista: A educação não é um fim, mas um meio para realizar um fim, que é certo tipo de vida espiritual. Este tipo varia

segundo as concepções do mundo e da vida. Há, portanto, tantas definições de idealistas de educação como doutrinas sobre o destino do homem e o sentido da vida. Pragmática: baseada no pragmatismo de John Dewey, defende a “educação sendo uma reconstrução ou reorganização da experiência que aumenta a capacidade de dirigir o curso da experiência anterior” (AGUAYO, 1937, p. 39). Durante toda a obra de Aguayo (1937), não é definida uma filiação a alguma concepção filosófica. Por se tratar de um manual, o autor apresenta as ideias de alguns autores como John Dewey, Fichte, Spencer etc. Observa-se que o autor apresenta questões para discussões pelas quais provoca a iniciativa, a originalidade e o poder criativo dos professores, discute estas bases com vistas a uma escola genuinamente nacional e uma escola de ensaio.

A obra de Ruy de Ayres Bello, intitulada de “Filosofia Pedagógica”, da Editora Globo, do Rio de Janeiro, datada de 1946, tem como principais motivações para o autor as necessidades de serem os problemas da educação estudados do ponto de vista filosófico. A filosofia da educação como exame crítico das conclusões das ciências pedagógicas. Objeto estrito da filosofia da educação. A partir da crise da pedagogia moderna, há falta de fundamentos filosóficos. Prioriza-se apenas a experimentação, a prática e, por meio da filosofia, propõe-se a examinar de maneira crítica as várias ciências pedagógicas.

A obra é destinada ao ensino profissional de formação de professores (Ensino Normal). O autor Ruy de Ayres Bello é um intelectual pernambucano que participou diretamente dos espaços educacionais e políticos, produzindo um discurso sobre a educação brasileira (diretor da escola normal oficial de Pernambuco). A obra teve circulação nas regiões Nordeste, Centro-Oeste e Sudeste.

Segundo Ruy Bello (1946), verificando a importância da educabilidade na filosofia tomista, todo ato humano visa a uma finalidade, ensina Santo Tomaz. A filosofia da educação tem como aplicação a filosofia aos problemas educacionais. Deve criticar as várias ciências pedagógicas e questões educacionais.

A educação como influência, a educação como atividade essencialmente finalista. Não pode o homem agir conscientemente sem a consideração de um fim a atingir. A ideia principal é que a primeira finalidade da educação é, antes de tudo, ajudar o homem a formar-se a si mesmo como homem e da possibilidade de formação de caráter moral no sentido à qualidade do homem que possui firmeza de convicções e vontade própria, que saiba estabelecer adequação entre o que pensa e o que faz.

A docência aparece de maneira a demonstrar que o educador tem o dom de seguir a missão de educar.

educador é todo homem que intencionalmente exerce sobre seus semelhantes uma benéfica influência espiritual, mas, no sentido estrito, só se pode considerar educador aquele que, conscientemente e sistematicamente exerce, como uma missão, a atividade educativa. É imprescindível a ação do educador no processo educativo, no qual desempenha, não apenas o papel de condição, mas de causa eficiente auxiliar. O principal fator da educação é a personalidade do educador, não o que o professor diz ou o que ele sabe, mas o que é em si mesmo (BELLO, 1946, p. 67-68).

Prioriza-se que o educador saiba não apenas o que ensina, mas também a quem ensina e como ensina. A ciência deve servir não apenas de conhecimento, mas fazer parte da personalidade do educador. “O homem cuja superioridade pessoal seja imediatamente sentida pelas crianças, não, porém, como um fardo que as oprima, mas como uma força pura, disciplinada, sincera, estimulante”. (BELLO, 1946, p. 66). A obra é dividida em 15 capítulos e nenhum capítulo é dedicado à educação do Brasil e, quanto à filosofia da educação, está presente principalmente na introdução.

Quanto às questões didáticas, decorrem de práticas disciplinares que direcionem os alunos a alcançar os objetivos que sejam processados do interior para o exterior. Considera a disciplina como a primeira condição de eficiência do ensino, pautada no respeito e na estima mútua entre professores e alunos com ausência de castigos físicos, que possam ocorrer apenas em casos excepcionais.

Ao contrário do que praticou a escola antiga, a disciplina não consiste apenas na uniformidade exterior, imobilidade e no silêncio, mas no movimento ordenado, de acordo com as exigências dos objetivos propostos pela escola. Na sua essência, a disciplina é a ordenação permanente, interior, exterior, de um ou vários indivíduos, num sistema objetivo e normativo de exigências. Não é apenas no interesse subjetivo do aluno que se fundamenta a disciplina, como pretende a escola nova, mas também na sua consciência, esclarecida sobre os próprios deveres e conveniências. Os prêmios e castigos constituem uma motivação artificial da disciplina, perfeitamente justificada e eficaz, não sendo, porém, recomendável que se abuse desse recurso disciplinar, a fim de que não se habitue o aluno a só agir visando às consequências imediatas de seus atos. Verdadeiramente concebida e praticada, a disciplina não colide com a liberdade, que não consiste na licença de se fazer o que se deseja, mas no poder de se fazer o que se deve (BELLO, 1946, p. 141).

A didática também está mais atrelada a métodos que têm por metas a instrução por meio de representação das “coisas através de fotografias, de desenhos, de esquemas, de esboços, de diagramas, de projeções. Utilização de modelagem, de maquete, da palavra como forma de exposição”. (BELLO, 1946, p. 129). E ainda, propõe-nos refletir sobre os

inconvenientes de uma pedagogia exclusivamente técnica, que não considera os problemas dos valores e dos ideais educativos. Porque as diversas ciências auxiliares da educação não podem resolver o problema dos ideais educativos? E finaliza, ao indagar ao leitor se é justo considerarem servis certas profissões e liberais outras.

Para que a educação profissional se faça com eficiência, é necessário que se oriente no sentido da vocação específica do educando. O que dificulta a cultura da vocação profissional é o preconceito contra as profissões impropriamente chamadas servis, julgadas independentes de qualquer base intelectual (BELLO, 1946, p.204).

É necessário que as pessoas se intelectualizem de acordo com todas as profissões, para que todas sejam desejáveis e não apenas umas em detrimento de outras, e que a educação se faça no sentido da vocação individual. O autor esclarece, na introdução, o porquê de adotar a concepção filosófica pautada na educabilidade na filosofia tomista.

Outro material que trata do tema é o produzido por Tobias (1967), com o mesmo título do tema pesquisado neste trabalho, editado pela Editora do Brasil S/A, em 1967. Para o autor, a “Filosofia da Educação” compõe uma das disciplinas centrais do Curso de Pedagogia, propõe uma obra que tenha maior aproximação com a atualidade de acordo com as necessidades da formação dos professores. As obras em geral são traduzidas e fazem parte das particularidades europeias, norte-americanas e se constituem como necessárias e úteis para os estudos. Mas foi visto que não atendem aos problemas específicos da filosofia da educação brasileira que não foram feitas e vistas por meio da realidade do país.

Durante quatro anos, em que estamos regendo a cadeira de filosofia da Educação do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, fomos anotando ou escrevendo o fruto das aulas, das pesquisas e dos seminários que os estudantes e nós vimos e vamos fazendo (TOBIAS, 1967, p. 7).

Dessa forma, é possível uma escola que direcione os alunos a formar para a criticidade, capacidade de raciocinar e de qual maneira o professor consegue saber se o aluno está ou não compreendendo. “Coloca o aluno em contato direto com o pensamento vivo e não com excertos isolados e mortos, dos grandes filósofos da educação” (TOBIAS, 1967, p. 10).

Para Tobias (1967), não se pode entender a educação sem Filosofia da Educação. A Filosofia é a ciência dos fundamentos de todas as coisas. A Filosofia da Educação é uma ciência por meio do método analítico-sintético. Ela não é experimental nem ciência positiva. É constituída pelos atos de educação que são atos práticos, mas que não possuem finalidades

práticas. Vai depender das intenções pessoais dos filósofos da educação em como utilizam os instrumentos da Filosofia da Educação.

E ainda, “a Metafísica é o fundamento de todas as ciências, inclusive da Filosofia da Educação. A Filosofia Moral vem a ser a principal parte material da Filosofia da Educação” (TOBIAS, 1967, p.48). É preciso educação direcionada para o princípio de que o educando necessita dos pais, do educador, da autoridade, pautado nos estudos pela Filosofia Moral, que julga como importantes as noções de felicidade, de moralidade, de direito e de dever, de justiça, de bem, de mal etc. A Filosofia da Educação depende da Filosofia Moral. É necessária uma educação humana e uma educação religiosa em concordância, para que haja permanência da essência das coisas.

O livro é destinado a estudantes e professores do Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Marília. Os alunos juntamente com os professores se organizaram e trabalharam em grupo com foco nos estudos de Filosofia da Educação ligados aos seminários, aulas, pesquisas, por meio de anotações, reflexões críticas que compõem a obra. “Confiança a filosofia da Educação aos estudantes e universitários do Brasil, aos professores dos cursos secundários, e universitário, aos pais e a quantos se interessam por educação” (TOBIAS, 1967, p. 12).

A docência aparece de modo a ser conceituada de várias maneiras, tomada, “ora como causa instrumental, ora como causa principal, ora como condição, ora como ocasião”. (TOBIAS, 1967, p. 191). O papel do educador é de ser causa auxiliar da educação. Nem sempre o educador é causa, mesmo auxiliar. Ocorre de ser condição ou ocasião.

A docência, quanto ao seu papel, possui variações em razão das diferentes fases da criança, que vai desde educação pré-natal, educação infantil, educação primária, secundária, superior etc. Cabe ao educador a necessidade de fazer parte no conceito de escola, este igualmente causa a educação no cumprimento de sua missão.

O autor tenta propor a valorização da Filosofia da Educação diante da História da Educação e, no decorrer de todo o livro, dedica-se mais à Filosofia da Educação. “No Brasil, processo tradicionalmente desvirtuado consiste em lecionar História da Educação em lugar da Filosofia da Educação; é mais fácil, já que História da Educação não exige tanta filosofia, tanto espírito crítico e tanta compreensão quanto a Filosofia da Educação” (TOBIAS, 1967, p. 9).

Cada capítulo possui suas referências e, em todos, encontram-se os seguintes autores que tomamos como os mais utilizados: Aquino, Aristóteles, Dewey, Aguayo, Anísio, Durkheim, Claparede, Comenius, Santo Tomás.

As orientações didáticas são expostas como meio de ensinar, instruir, aprender e que esta “é a ciência da criação e do uso correto dos métodos de aprendizagem” (TOBIAS, 1967, p.73). Utiliza-se de métodos que envolvem a prática de ensino e que está ligada à prática dos métodos. A finalidade da didática não depende da finalidade especulativa da Filosofia da Educação. Ciência da prática, ciência de como, experimental, indutiva é a didática, ao passo que a Filosofia da Educação é ciência prática, ciência de causas supremas, filosófica, indutiva - dedutiva.

De acordo com Tobias (1967), a didática precisa de muitos princípios da Filosofia da Educação, e esta é a ciência dos valores da educação e que indica a capacidade de aprendizagem, o conceito de educação, o papel do educando e do educador, que são valores da Filosofia da Educação, fundamentais para a existência e para a orientação da Didática.

A importância da crítica educacional, ao ser colocada em dúvida, oportuniza a possibilidade de provar se existe ou não educabilidade. Por meio da crítica educacional, tem como o educador fundamentar o valor educacional, organizar o educando para a descoberta de novos métodos, métodos ideais são fornecidos para os alunos com a intenção de direcioná-los rumo à autonomia.

Para Tobias (1967), o educando tem a possibilidade de se desenvolver de dentro para fora, chama atenção para a abertura a inúmeros mundos novos em educação, em que educador e educando passam a se relacionar com maior proximidade, preparando o educando para fazer pesquisas que sejam originais, que despertem espíritos investigativos, curiosos, e as aulas passem a ser organizadas por meio de grupos de estudos, pesquisa e participação de todos, por que inclui professores, alunos com entusiasmo, curiosidade que proporciona desenvolvimento capacidade crítica, compreensão humana etc.

Deixa-nos explícito, na introdução, que, por meio do método socrático, é possível estabelecer o poder de argumentação, capacidade de raciocinar, reflexão, crítica; porém esse método deve ser aliado aos seminários em sala de aula, mediante leituras de textos dos livros e organização de grupos de estudos e aulas que tenham participação de todos. O professor é aquele que faz parte de todo o conjunto da escola juntamente com a família, e cabe a ele cumprir sua missão.

Outro livro que trata do tema, sob autoria de Amaral Fontoura, é “A Filosofia Positivista e a Educação”, de 1970, Gráfica Editora Aurora Ltda, Rio de Janeiro. De Concepção Positivista “Renovadora”. É possível verificar isso nas falas do autor, quando defende uma visão cristã de educação; quando defende a ideia de que o professor tem uma missão; quando esclarece que se baseia em Pestalozzi, São João Bosco e Kerschensteiner.

Procurou pensar em uma escola mais interativa, que não seja exterior à vida do aluno, e sim que integre as causas dos alunos na vida, na sala de aula.

O público alvo do livro são os estudantes do Curso Normal Superior. Buscando atender a formação do professor, tornando a Filosofia da Educação não um apêndice da formação e sim parte fundamental para atuação dos professores.

A docência aparece como uma missão. E o professor deve trabalhar não apenas com aulas expositivas, precisa aplicar também as estratégias de debate, trabalhos em grupo e aulas de minuto em que os alunos possam expor aos colegas o que aprenderam.

Durante os capítulos, não há clareza sobre as fontes do autor, é bem objetivo na definição das ideias. Mas, no comentário de apresentação da Editora, é evidenciado que os fundamentos de Amaral Fontoura são: Pestalozzi, São João Bosco e Kerschensteiner, e, na introdução, o autor faz referência a São João Bosco. As orientações didáticas se limitam à aula expositiva com interação do aluno, debates, trabalhos em grupo e aulas em minuto (um pequeno seminário produzido pelo aluno).

Pensar um professor que não apenas saiba fazer, e sim por que está fazendo. Um professor que interaja com os conhecimentos filosóficos da Educação. O Autor se identifica com a filosofia positivista cristã. Pensar em um professor com missão, vocação. Segundo ele, não se trata de um positivismo pautado no seu início e sim já no momento em que teve as mudanças do próprio Comte, uma educação não desligada totalmente da religião.

Outra obra que aborda o estudo em “Filosofia da Educação”, de Theobaldo Miranda Santos, é intitulada de “Curso de Psicologia e Pedagogia: noções de filosofia da educação”, e foi publicada pela Companhia Editora Nacional, em São Paulo, datada de 1964.

A obra apresenta resumos de aulas de filosofia da educação ministradas pelo autor no curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia de Santa Úrsula, durante o ano letivo de 1941. O autor, motivado pela docência e também em demonstrar a importância da filosofia para a educação, publica esse livro, que contém suas concepções de filosofia, educação, a interlocução entre educação e filosofia e as noções de filosofia da educação. Além de ressaltar os problemas filosóficos da educação, a questão do educador, os métodos de educação, a aprendizagem e as suas concepções sobre disciplina, o autor enfatiza que “sem uma orientação filosófica nítida e segura, não há ação educativa eficiente e duradoura” (SANTOS, 1964, p. 12).

Segundo Santos (1964), o público-alvo são os estudiosos (docentes e discentes) da filosofia, da filosofia da educação e da educação (inclui as temáticas: métodos didáticos,

conceito da aprendizagem, algumas teorias da aprendizagem e trabalha com a questão da disciplina). O livro tem circulação no campo universitário.

No entendimento do autor, existe uma relação estreita e orgânica entre filosofia e educação. Nas palavras dele, “a alma da filosofia se acha na concepção de vida; a alma da pedagogia no estudo ideal da educação e da formação” (SANTOS, 1964, p. 92).

A educação é considerada a ciência da formação do homem, é como a ética, uma ciência normativa, é um ramo das ciências do espírito. Tem como objeto de estudo a educação do homem. A Pedagogia é a ciência que mais necessita da filosofia, porque visa ao estudo integral do homem, da vida e do universo, temáticas que estão imbricadas no campo da filosofia. Mas, para o autor, esse fato não retira a autonomia da Pedagogia, não exclui o seu caráter de ciência individualizada com objeto próprio e específico.

A filosofia se propõe a auxiliar a educação a trabalhar com suas problemáticas fundamentais, que são os *fins* e *ideais* de educação. Segundo o autor, toda Pedagogia gravita, explícita ou implicitamente, em torno de um ideal, que é sempre um reflexo de uma concepção de vida.

Dentro das finalidades que regem a vida humana, existe uma hierarquia de valores que subordina a matéria ao espírito, o relativo ao absoluto, o humano ao divino, a natureza à Graça. Os valores físicos devem se subordinar aos intelectuais e ambos aos valores morais e espirituais. Conforme Theobaldo Miranda Santos, “a ação educativa deve obedecer a essa hierarquia, procurando formar o educando de modo que ele, por sua determinação livre e pessoal, oriente sua conduta no sentido dos valores e ideais que elevam e dignificam a vida” (SANTOS, 1964, p. 105).

O fim da ação educativa é a perfeição do educando, física, moral e intelectual, é formar de acordo com um ideal, o ideal da perfeição humana. O trabalho da educação depende da nitidez e da elevação do ideal educativo.

O ideal, na concepção, é atender ao sentido profundo da personalidade humana na direção para o bem,

orientando e unificando todas as suas energias e virtualidades para os valores que enobrecem e espiritualizam a vida. Os valores morais e espirituais se sobrepõem aos valores físicos e intelectuais, sociais, cívicos e econômicos, o ideal formativo ao qual se devem subordinar todos os demais é a formação moral e religiosa do educando, pois o fim último do homem é a união com Deus, fonte eterna da verdade, da beleza e da bondade (SANTOS, 1964, p. 114).

Os fins e meios da educação envolvem a instrução, a educação e a cultura. A instrução possibilita conhecer a vida; na educação, aprendemos a nos adaptar à vida; e pela cultura, aprendemos a elevar a vida. Por meio da instrução e da educação, formamos nossa personalidade e, pela cultura, aperfeiçoamos nossa personalidade.

A docência aparece em dois capítulos: em um, o autor conceitua os métodos de educação e no outro traz de forma específica a conceituação do “ser educador”. No primeiro, conceitua a questão do método e o subdivide em método da autoridade e método da razão. Descreve, também, os métodos didáticos e a sua evolução. Após, faz a classificação dos métodos didáticos e, por fim, discute a interlocução entre método pedagógico e concepção de vida. No outro capítulo, desenvolve o conceito de educador, os métodos de estudo do educador (método histórico, método indutivo e dedutivo) e discute as qualidades do educador: qualidades físicas, intelectuais e morais.

O autor escreveu um capítulo de 30 páginas intitulado “A Educação”, no qual não especifica a Educação do Brasil, faz referência a diversos países e traz alguns conceitos de educação: conceito de educação, conceito naturalista de educação, conceito pragmatista de educação, conceito cristão de educação, conceito individualista de educação, conceito socialista de educação, conceito nacionalista de educação, conceito culturalista de educação e conceito personalista de educação. Para trabalhar cada conceito, cita diversos autores.

Em outro capítulo intitulado, “A Educação e a Filosofia”, descreve, em 17 páginas, o conceito de Pedagogia, a Pedagogia e a concepção de vida, a Pedagogia no tempo, a Pedagogia no espaço e a educação e a metafísica.

Num próximo capítulo, “A filosofia da educação”, trabalha, em 7 páginas, o conceito de filosofia da educação, a importância da filosofia da educação, o interesse atual pela filosofia da educação e as relações da filosofia da educação com a filosofia geral.

O autor discorre sobre os diversos métodos pedagógicos, mas enfatiza, ao final do capítulo, que o método pedagógico deve ser elaborado visando às condições de tempo e lugar, e sua organização deve funcionar de acordo com as necessidades psicológicas e sociais dos educandos. Para ele, é preciso considerar a realidade étnica, social e cultural de cada meio. Nas palavras de Santos (1964),

Qualquer método poderá ser utilizado desde que favoreça o desenvolvimento das virtualidades físicas e mentais do educando, e que contribua para sua integração social e para a formação harmoniosa da sua personalidade no sentido de valores que elevam e espiritualizam a vida. Mas por mais científico e perfeito que seja o método, ele de nada valerá sem a negligência criadora, o amor devotado e o exemplo vivo do educador, o qual será sempre

o fator básico e essencial de toda a ação educativa (SANTOS, 1964, p. 184-185).

O autor divide a obra em duas partes, na primeira, discute “as bases filosóficas” da educação e na segunda, “os problemas filosóficos da educação”.

No primeiro momento, levanta alguns questionamentos como: o conceito de filosofia, de educação e a interlocução entre a filosofia e a educação e sua importância. Na outra parte, propõe refletir a educação fazendo uma imersão sobre as questões que a envolvem, como a metodologia, o educando em seus aspectos de desenvolvimento e aprendizagem, os fins da educação, e trabalha com o conceito de disciplina no último capítulo.

Em vários momentos do livro, deixa claro que sua concepção filosófica se fundamenta nos princípios do Cristianismo. Para ele, “O Cristianismo não é um simples sistema filosófico que se baseia no testemunho efêmero do pensamento do homem, mas uma concepção perfeita e integral da vida que se fundamenta no testemunho eterno da Revelação” (SANTOS, 1964, p. 111).

Outra obra, “Filosofia da Educação”, de Conêgo A. A. de Siqueira, traz as reflexões sobre a educação na primeira metade do Séc. XX. Publicada em 1948, pela Editora Vozes, de Petrópolis, RJ, foi elaborada com o intuito de complementar a edição anterior nos seguintes aspectos: Educação física, a Constituição Brasileira de 1946 e a Pedagogia Comunista. Essa obra contou com a colaboração de diversas personalidades, que contribuíram com sugestões e críticas, dentre eles: Leonardo Van Acker e o Dr. Ruy de Ayres Bello, estudiosos em matéria de filosofia educacional. Não tinha como público-alvo os profissionais do magistério, principalmente aqueles formados pelas Escolas Normais mantidas pela Igreja Católica. Seu local de circulação foi o município de São Paulo.

Ao analisar o livro “Filosofia da Educação”, é possível identificar, com maior ênfase, nos Capítulos III e IV, sua concepção filosófica de educação, que está diretamente associada à filosofia cristã católica, em especial, as ideias de São Tomás de Aquino, pois atribui à educação o papel de formar a mente humana de acordo com os valores religiosos e sua intelectualidade, pautada num raciocínio científico aristotélico.

Organizado em seis capítulos, o livro não destina uma parte específica à docência, isto é, a uma didática própria. O autor elabora seu livro com o objetivo de oferecer uma instrução adequada aos futuros profissionais da educação sobre os diversos temas sociais. No decorrer do livro, percebemos, de forma bem incipiente, a preocupação no que tange ao processo de ensino-aprendizagem. Nesse livro ainda prevalece a ideia de que, para formar um bom professor, é necessário, acima de tudo, um bom conteúdo e que este seja diverso e profundo.

Isto quer dizer que a Filosofia da Educação, dentro dos cursos de formação de professores, cumpriria o papel de apresentar um panorama geral das ideias e pensamentos sobre educação, entretanto, nesse livro, o autor defende claramente qual dessas concepções filosóficas será a “mais” adequada para formar os homens bons.

No capítulo IV, em suas teses, o autor explica como seria a relação dos professores com seus alunos. Segundo ele, o educando é um sujeito ativo, isto é, seguindo uma concepção filosófica tomista, o autor defende que o professor deve intervir pouco e nos momentos certos, e que o aluno é o responsável por construir seu pensamento. Dessa forma, a atuação dos professores era respaldada pelo princípio de ativismo do educando, isto quer dizer que seu papel era de conduzir e orientar os estudos de seus educandos, não cabendo ao mestre transferir todo o seu conhecimento ao aluno. Porém essa conduta não retira da figura do mestre sua autoridade perante o aluno.

Assim, ao analisar o livro “Filosofia da Educação”, identifica-se que o autor se aproxima das concepções filosóficas de São Tomás de Aquino e de Aristóteles, principalmente nos capítulos III, IV, V e VI.

A obra intitulada “Filosofia da educação”, de John D. Redden e Francis A. Rian, tem Tradução de Nair Fortes Abu-Merhy, publicada no Rio de Janeiro pela Livraria Agir Editora, 1964, tem como objetivo apresentar a filosofia da educação baseada na filosofia católica de vida. Segundo os autores, a obra tenta alcançar esse objetivo por meio da exposição dos princípios da educação segundo a filosofia escolástica, a qual serve de parâmetro para “apreciação crítica de falsas filosofias da educação”. (REDDEN e RIAN, 1964, p. 7). Além disso, por meio da obra, defendem uma educação católica afirmando que esta “leva em conta o ‘homem integral’, porque nela se compreende o desenvolvimento e a disciplina de tôdas as potencialidades do corpo e da alma e, por isso, é essencialmente religiosa, moral, liberal, cultural e universal” (REDDEN e RIAN, 1964, p. 7).

De acordo com informações do *Prefácio*, a obra destina-se aos cursos de Filosofia de Educação das Escolas Normais e Faculdades de Filosofia, tendo como propósito contribuir para a formação de professores. Além disso, o livro é indicado para a introdução de estudos avançados de Filosofia da Educação. A obra é tem sua organização baseada na filosofia católica da vida. Segundo os autores,

A filosofia católica da vida abrange as verdades, de ordem especulativa e prática, que orientam a interpretação do homem, da sua natureza, da sua finalidade última e de toda a realidade. Baseia-se naqueles princípios finais ou primeiros, imutáveis em si mesmos, que fornecem normas infalíveis de conduta individual e social (REDDEN e RIAN, 1964, p. 7).

A docência perpassa toda a obra sendo pensada segundo os princípios católicos. Conforme Libâneo (1998, p. 110), a “pedagogia católica formulou uma filosofia de educação de caráter acentuadamente especulativo e normativo”.

Especificamente, no capítulo V, denominado *A criança e sua educação*, pode-se identificar uma concepção de docência baseada no cumprimento de um currículo previamente encomendado por especialistas para a completa educação da criança. Para essa “completa educação”, a docência deve ser norteada a partir das seguintes considerações filosóficas defendidas na obra:

- uma educação baseada na natureza essencial do homem que “tende a buscar, para o intelecto e a vontade, o ‘splendor veri’ (a aura da verdade) e o *decor virtutis* (a graça do bem) de Santo Agostinho, que constitui a mais alta forma de bondade” (REDDEN e RIAN, 1964, p. 152, grifo do autor).
- a natureza humana deve ser compreendida a partir de três aspectos: sensorial, intelectual e volitivo (estético e religioso). Considerando esses três aspectos, a obra defende a tese de que a docência deve ter como meta ensinar à criança “a unidade orgânica do conhecimento, a hierarquia dos valores da vida, a subordinação a Deus de sua razão e vontade” (REDDEN e RIAN, 1964, p. 153).
- a educação deve ser compreendida como um processo endógeno, “um desenvolvimento que se opera de dentro”, para isso, a docência deve oferecer disciplina e instrução para tal processo.
- a criança deve ser reconhecida como sujeito da educação cristã e interpretada conforme sua “natureza ‘una e total’, conforme Deus a criou. Dentro dessa interpretação, a criança é um indivíduo composto de corpo e alma em união substancial e dotada de certas potencialidades e capacidades, que tornam possível a educação. Em consequência dos efeitos do pecado original, porém, a criança tem certas fraquezas e limitações, as quais cabe à educação corrigir e superar, tanto quanto possível, pela instrução e disciplina sistemática” (REDDEN; RIAN, 1964, p. 177).

Considerando esses princípios, pode-se inferir que essa concepção de docência assenta-se na “pedagogia tradicional”, classificada por Saviani (1984) e constituída por conjunto de enunciados filosóficos referidos à educação, que tomam por base uma visão essencialista do ser humano, restando à educação o papel de conformar cada indivíduo à essência ideal e universal que caracteriza o homem. Nesse sentido, os alicerces da Pedagogia Tradicional na vertente religiosa é, de acordo com Saviani (1984, p.12), marcada por uma “visão essencialista de homem, isto é, o homem constituído por uma essencial universal e imutável”. E tal essência humana é compreendida como criação divina e, por isso, o homem deve se esforçar para alcançar a perfeição, “para fazer por merecer a dádiva da vida sobrenatural” (SAVIANI, 1984, p. 12).

A obra, por ser uma tradução, não apresenta qualquer menção à educação do Brasil. Em relação à Filosofia da Educação, é apresentado um capítulo introdutório denominado “A posição da Filosofia na Educação”.

A bibliografia encontra-se no final de cada capítulo. A obra utiliza várias fontes. Dentre elas, destacam-se aquelas pela recorrência a Tomás de Aquino e aos textos papais.

A obra adota como orientações didáticas o esquema escolástico, o que se convencionou chamar de educação tradicional. De acordo com essa orientação, percebe-se uma ação rigorosa por meio de um controle absoluto dos conteúdos impostos como "verdades". Além disso, defende-se, a todo o momento, a importância da disciplina e da obediência.

A tendência pedagógica tradicional, conforme afirma Saviani (1986), apresenta duas vertentes, sendo uma religiosa, e a outra leiga. Na obra analisada, é evidente a tendência tradicional na vertente religiosa, que se fundamenta na visão essencialista de homem. Segundo essa visão essencialista, o conhecimento é visto de forma dogmática, respaldado pelas "verdades" da Sagrada Escritura (SAVIANI, 1986).

De acordo com essa vertente, o ato educativo é compreendido como uma forma de instrução que nega o pensamento crítico e defende a quantidade de conteúdos em detrimento da qualidade.

É nítida, também, a presença do asceticismo purificador religioso, individualista e voluntarista da ortodoxia católica. Tal orientação vincula-se aos ditames da sociedade liberal-capitalista, uma vez que a ortodoxia católica associa modos de subjetivação com ações disciplinares, destinadas a ajustar sujeitos úteis e dóceis e aos ditames do modo de produção capitalista.

Nessa perspectiva, o modelo de educação escolástica limita a liberdade, a espontaneidade e a participação, sendo o papel do professor promover o ajustamento dos alunos, a partir da concepção essencialista e metafísica do ser humano. Essa concepção leva a atribuir à educação um caráter autoritário e dogmático, aproximando o ato de educar ao sacerdócio.

Ao finalizar cada capítulo, os autores propõem um conjunto de exercícios que retomam os conceitos tratados, no sentido de assegurar a compreensão e a fixação das ideias expostas e defendidas pelos autores. As listas de exercícios exigem habilidades mentais, como descrever, analisar, discriminar, diferenciar, esclarecer. Habilidades que não exploram de forma significativa a reflexão pessoal e a capacidade de síntese dos alunos acerca dos conteúdos trabalhados.

Os autores têm como objetivo central da obra apresentar a filosofia da educação baseada na filosofia católica de vida. Tal objetivo é assim proposto:

- 1) expondo os princípios da educação segundo a filosofia escolástica;
- 2) aplicando tal filosofia na apreciação crítica de determinadas falsas filosofias da educação;
- 3) demonstrando que a educação católica leva em conta o homem integral, porque nela se compreende o desenvolvimento e a disciplina de todas as potencialidades do corpo e da alma e, por isso, é essencialmente religiosa, moral, liberal, cultural e universal (REDDEN e RIAN, 1964, p. 7).

Em todas as obras, os autores expressam a defesa pela filosofia da educação baseada na filosofia católica de vida. A defesa dos ideais católicos de educação é justificada na obra em oposição aos pressupostos considerados ateus, “falsos princípios”.

III – Considerações finais:

Atualmente, em tempos de “mudanças” na educação, momento em que o governo federal se posiciona de maneira a ser um provocador de “crisis” na estrutura educacional, redefinindo o papel dos cursos de formação de professores, tanto na Pedagogia quanto nos cursos de licenciatura, percebe-se que muitas concepções defendidas no início do século XX não foram esquecidas e nem mesmo abandonadas. “(...) Em 1933, retocado e engrandecido, reaparece, em todo o esplendor o plano primitivo, com o nome que hoje tem de Instituto de Educação” (ANTUNHA, 1975, p. 31).

No parecer nº 632/69, da S.E.Su., aprovado em 2 de setembro de 1969. (Processo 965/69-C.F.E.), de título “Conteúdo Específico da Faculdade de Educação”, Newton Sucupira fala do papel da disciplina de Filosofia da Educação:

A filosofia geral é a matriz da filosofia da educação, mas esta, por seu conteúdo é uma disciplina filosófica especial. Certamente, ela se encontra subalterna à antropologia filosófica e à ética, para usarmos uma linguagem escolástica, e mantém estreitas relações com a epistemologia e a filosofia social. Mas tem objeto formal próprio que a distingue da antropologia filosófica, ou seja, o homo educandus e o homus informandus. Seu objeto é, primordialmente, elaborar uma organização sistemática de conceitos e valores que possam orientar a seleção e julgamento dos fins da ação educativa. E também proceder a uma análise lógica do discurso pedagógico para escoimá-lo de conceitos inadequados (SUCUPIRA, 1969, p. 158).

A disciplina de Filosofia da Educação foi sendo construída de maneira que revelava fortemente as influências das filosofias da Europa, exercendo uma espécie de replicadora das grandes matrizes teóricas.

No Brasil, diante do material observado nesta pesquisa, a análise dos manuais de Filosofia da Educação, observam-se dois grandes movimentos filosóficos que exerceram forte

influência na educação, primeiramente, a filosofia cristã e influência dos teóricos medievais, que encontram, no Brasil, largo espaço para seu desenvolvimento. Em segundo lugar, com o comparecimento das tendências científicas e empíricas, com a tentativa da implantação das políticas de cunho Liberal, marcadas pela República, encontra-se a considerável presença da filosofia Positivista. Fundada nos ideais do Evolucionismo e tendo uma perspectiva de implantação de novos ideais na sociedade brasileira, o Positivismo de Augusto Comte ganha espaço significativo na política e na educação brasileira. Aparece, ainda, a manifestação do movimento escolanovista.

Foram essas concepções que marcaram a formação de professores no Brasil no início do século XX. Ora por autores de vínculo com a Igreja Católica, que também lutavam para manter seu espaço na educação do país, ora pelos autores de ideais positivistas, que buscavam marcar a presença de uma educação com base científica e Liberal. Isto denota que havia uma “crisis” na identificação de uma filosofia da educação brasileira, ou seja, não havia uma filosofia da educação brasileira.

IV- Referências Bibliográficas:

AGAYO, A. M. **Filosofia da Educação**. Trad. Adolpho Packer. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1937.

ANTUNHA, H. C. G. **As origens da Faculdade de Educação**. Educação e Sociedade. São Paulo. N. 01. 1975.

BELLO, R. de A. **Filosofia Pedagógica**. Rio de Janeiro - Porto Alegre - São Paulo: Globo, 1946. v.8.

FONTOURA, A. **Filosofia da Educação**. Rio de Janeiro: Aurora, 1970.

REDDEN, J. D.; RIAN, F. A. **Filosofia da educação**. Trad. Nair Fortes Abu-Merhy. 3.ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1964. (Coleção A. E.C).

SANTOS, T. M. **Curso de psicologia e pedagogia: noções de filosofia da educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

SAVIANI, D. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez, 1986.

SIQUEIRA, C. A. A. de. **Filosofia da Educação**. Petrópolis: Vozes, 1948.

SUCUPIRA, Newton. **Conteúdo específico da faculdade de educação**. Brasília. 1969. Documenta. CFE. Nº 105. Setembro de 1969.

TEIXEIRA, A. **Pequena introdução à Filosofia da Educação**: a Escola Progressista ou a Transformação da Escola. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1934.

TOBIAS, J. A. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Editora do Brasil, 1967.